



fragmentos  
do real (atalhos)

fabio miguez

galeria

nara roesler

Apresentada de março a maio de 2018 no Instituto Figueiredo Ferraz, em Ribeirão Preto, *Fragmentos do Real (Atalhos)*, individual do artista Fabio Miguez, chega à **Galeria Nara Roesler | São Paulo**, acompanhando o lançamento do livro *Atalhos*, que assim como a exposição, conta com texto de Rodrigo Moura.

Em *Fragmentos do Real*, Fabio Miguez apresenta a série *Atalhos*, realizada desde 2011. Nela, o artista isola alguns elementos de sua obra, que se singularizam a cada quadro, dando origem a subséries marcadas por variações formais e cromáticas.

Algumas das pinturas presentes na mostra guardam relação com a história da arte, com fragmentos de quadros de Piero della Francesca, Alfredo Volpi e Henri Matisse. Outras ainda, remetem à elementos arquitetônicos como casarios, muros, paginações de pedras, tijolos e muros.

A montagem linear das obras propicia o encontro de umas com as outras e seu uso variado de cores, texturas, formas e movimentos tornam possível uma relação entre figuração e abstração. Segundo Rodrigo Moura, as obras “se apresentam menos como espaços pictóricos idealizados do que como fragmentos do real.”

O livro *Atalhos* é uma realização da Galeria Nara Roesler, com edição da APC - Associação para o Patronato Contemporâneo, e será lançado no dia 7 de junho, simultaneamente à abertura da exposição.





*Tijolo marrom*, 2013  
óleo e cera sobre tela  
33 x 40 cm



*Árvore*, 2018  
óleo e cera sobre tela  
40 x 50 cm







***Círculo***, 2018  
óleo e cera sobre tela  
40 x 50 cm



**Lança**, 2017  
óleo e cera sobre tela  
40 x 50 cm







***Abóbada***, 2017  
óleo e cera sobre tela  
40 x 50 cm



***Sem Título***, 2018  
óleo e cera sobre tela  
40 x 30 cm







***Varal Amarelo***, 2018  
óleo e cera sobre tela  
40 x 30 cm



**Sassetta**, 2018  
óleo e cera sobre tela  
40 x 30 cm







*Sem Título*, 2018  
óleo e cera sobre tela  
40 x 30 cm



*Volpi*, 2018  
óleo e cera sobre tela  
30 x 40 cm





## Fragmentos do Real\*

Rodrigo Moura

Para começar de algum lugar, caberia antes de mais nada apontar a natureza inquieta que percebo na pintura de Fábio Miguez na última década e meia em que a observei mais de perto. É como se, de maneira lenta e consciente, o artista tivesse colocado em dúvida uma série de pressupostos de sua própria prática, trazendo-a para searas se não estranhas a ela, ao menos inesperadas.

Em 2002, na exposição homônima na galeria 10,20 x 3,60, em São Paulo, Miguez levou sua pintura (que já havia ganhado contornos mais geométricos) para fora da tela, com planos transparentes de vidro e nacos de forma-cor no espaço. O espectador podia percorrer a exposição como se andasse numa pintura e o branco dos quadros tivesse se transformado no próprio espaço. Esse gesto teve algumas implicações nas obras seguintes. Por um lado, o espaço vazio das pinturas se tornou mais denso, com as massas cromáticas se destacando de maneira mais evidente e conferindo, por isso, um caráter mais diagramático à composição. Outro desdobramento se deu como uma implosão do espaço, em obras tridimensionais que assumem a feição de maletas (Valises), intrincados e diminutos complexos arquitetônicos de planos verticais e horizontais que se rebatem e complementam, podendo ser reconfigurados. A inclusão de palavras como campos autônomos de informação nessas obras também cria novas possibilidades de leituras intersemióticas, o texto assumindo um papel importante na interação das partes.

Em 2012, Miguez publica o livro Paisagem zero, em que reúne sua produção fotográfica, dando pistas da relação de sua pintura com a representação do real. Produzidas desde meados dos anos 1990, essas imagens são como uma espécie de campo auxiliar da prática em pintura, começando com registros sistemáticos de efeitos atmosféricos do nevoeiro sobre o mar e de ondas quebrando nas pedras no litoral de Ubatuba (Deriva I, Mar Virado, 1993-95), que lembram suas pinturas mais fluidas da mesma época, chegando até a fragmentos arquitetônicos nos espaços de suas exposições e vistas de suas próprias obras no ateliê (Deriva VII - Paisagem Zero, 2008-2012). Sobre elas, Miguez escreve: “no fim, tudo é paisagem”.

Nos Atalhos (2011-em processo), algo parecido com esta formulação “tudo é paisagem” acontece. Essa grande série de pinturas em pequeno formato, que à altura da escrita deste texto já somam mais de 170 obras, condensa de modo pujante a produção recente de Miguez. As pequenas dimensões dão conta de uma prática quase diária de pintura, desocupada dos empenhos de tempo dos quadros de grande formato que o artista continua a produzir. Aqui ele isola determinados elementos de sua obra, criando pequenas unidades de linguagem que se singularizam em cada quadro – para depois se repetirem em subséries de variações formais e cromáticas. Nesses quadrinhos, há também uma certa dose de experimentação em relação à superfície, quase como se fossem demonstrações das técnicas domadas ao longo dos anos e

empregadas na sua obra.

Se por um lado, parece claro que as pequenas pinturas não são estudos, elas não deixam de alimentar uma relação direta com as grandes telas. Curiosamente, essa relação não é de hierarquia, mas antes de complementaridade – um elogio ao pequeno formato, onde os desafios surgem e desaparecem em tempos breves e sem a gravidade reservada aos processos temporais expandidos.

Muitas dessas pinturas guardam relação direta com a história da arte; recortam e ecoam partes de quadros de Piero della Francesca, Alfredo Volpi e Henri Matisse, não exatamente como citações, mas antes como pequenas paródias. Outras remetem a situações pictóricas casuais encontradas em elementos arquitetônicos, como casarios (que não deixam de reverberar os artistas citados acima), pedras rejuntadas, muros de tijolos. A articulação dessas referências é o que torna possível uma relação híbrida entre a figuração e a abstração, singular nesse corpo de obra. Porém, o cânone abstracionista comparece mais como referência cultural do que exatamente uma linhagem à qual ele se filie.

Montadas em linha, no encontro de umas com as outras, as pinturas formam sentenças e, em conjunto, dão conta de sua grande vocação sensorial no uso variado de cores, texturas, formas e movimentos. A maneira ideal de vê-las é nesse grande grupo, revisitando os elementos ao longo do tempo e experimentando as sucessivas interrupções, como numa grande tira de filme. Levando a pesquisa pictórica de Miguez para outro lugar, elas se apresentam menos como espaços pictóricos idealizados do que como fragmentos do real.

\*Texto produzido originalmente para a exposição Fragmentos do Real (Atalhos), ocorrida de 10 de Março a 26 de Maio de 2018 no Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto

**Rodrigo Moura** (Belo Horizonte, 1975) é editor e crítico de arte, foi curador do Instituto Inhotim (Brumadinho, MG) e do Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte e hoje é curador-adjunto de Arte Brasileira no Museu de Arte de São Paulo - MASP.



## sobre **fabio miguez**

Fabio Miguez (n. 1962, São Paulo, Brasil) vive e trabalha em São Paulo. Inicia sua carreira na década de 1980 junto à célebre Casa 7, ateliê coletivo que reuniu Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade em torno da amizade e de propósitos estéticos comuns. Embora sua pesquisa esteja voltada ao trabalho pictórico, durante os anos 1990 começa a produzir *Derivas*, séries de fotografias que, anos mais tarde, são publicadas com o nome de *Paisagem Zero* (2012). Na última década, Miguez desenvolveu trabalhos de formulação tridimensional, como a instalação *Onde* (2006), o objeto *Ping-pong* (2008) e a série *Valises*, produzida desde 2007, que expande seu campo principal de investigação para dar lugar a obras que assumem a feição de maletas. A formação em arquitetura traz influência construtiva para algumas de suas pinturas, que, por sua vez, aliam-se ao estudo sobre a escala, a matéria e a figuração. O artista ainda lida com formas modulares, submetendo-as a um raciocínio combinatório, repetindo-as e variando sua posição ao passo em que lhes opera inversões e espelhamentos. Em pinturas mais recentes, como a série *Atalhos* (iniciada em 2011 - em processo) é possível notar esta operação em pequeno formato. Muitas delas guardam relação direta com a história da arte – como as que recortam partes de quadros de Piero della Francesca, Alfredo Volpi e Henri Matisse – e com situações pictóricas casuais encontradas, justamente, em elementos arquitetônicos, como casarios, pedras rejuntadas e muros de tijolos. Nesses trabalhos, a articulação de uma relação híbrida entre a figuração e a abstração é transpassada pela inclusão de palavras – algumas delas emprestadas de textos de João Cabral de Melo e Samuel Beckett – que funcionam como campos autônomos de informação e abrem campo para leituras mais amplas desse conjunto de obras.



## fabio miguez: fragmentos do real (atalhos)

### abertura

7 de junho, 2018 | 19h

### exposição

8 de junho - 11 de agosto, 2018

seg-sex > 10h - 19h

sáb > 11h - 15h

### galeria nara roesler | são paulo

jardim europa 01449-001

são paulo sp brasil

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art

bruno dunley é representado pela galeria nara roesler